

## **Transpusemos a linha? - A devastação da natureza humana.**

O tema deste observatório tem uma atualidade importante porque está muito presente no discurso do mestre. É uma preocupação para todos, para a própria humanidade, não apenas para vocês que se encarregarão da pesquisa! Queremos dar um marco geral para orientar o trabalho sobre este tema que é tão amplo. Vocês poderão acompanhá-lo, ampliá-lo, concretizá-lo, até precisar a matéria de gozo, aquela que se escuta na prática, o que nos permitirá avançar na experiência do psicanálise.

A pergunta *Transpusemos a linha?* foi extraída do Seminário A ética do psicanálise. Lacan diz no início do capítulo XVIII sobre “A função do belo”:

“Me pareceu esta manhã que não era excessivo começar meu seminário fazendo esta pergunta – Transpusemos a linha? Não se trata do que fazemos aqui, mas do que sucede no mundo em que vivemos. Que nele se profira um ruído bastante vulgar não é razão para que não o escutemos.”

*Transpusemos a linha?* Lacan diz que se trata do que acontece no mundo em que vivemos. Hoje, vemos que o homem tem certa tendência a destruir seu próprio ambiente, seu próprio organismo. Quase poderíamos dizer que ele coloca no horizonte a destruição de toda a vida no planeta.

Antes, quando o real se disfarçava de natureza, o real parecia a manifestação da ordem. O que havia era o retorno do real no mesmo lugar, por exemplo, com as estações do ano, os astros. Essa ordem era a garantia do simbólico. A natureza estava ordenada pela conjunção do simbólico com o real, dando a ideia de harmonia. Havia a lei natural das coisas. No entanto, já não é mais assim, o real escapou da natureza. Agora, a ciência proclama que há um saber no real. E Lacan responde: “o real é sem lei”, o que demonstra uma ruptura total entre natureza e real. Em consequência, o que há é “a desordem do real”, como apontou Miller na apresentação do IX Congresso da AMP “Um real para o século XXI”.

Nossa relação com a natureza está profundamente perdida, em primeiro lugar, porque por estrutura está mediada pela linguagem e hoje se somam a evaporação do Nome do Pai e o progresso da ciência e da tecnologia em conjunção com as políticas capitalistas. Mas também a natureza está falsificada pela ciência que busca transformá-la. Hoje, por exemplo, não se precisa de um homem e uma mulher para fazer uma criança. Os corpos podem ser modificados sob medida, inclusive se pode mudar de sexo. Busca-se melhorar a biologia da espécie. Os avanços da biotecnologia dão nascimento a novas formas de vida. Tudo parece possível. Por outro lado, a ciência ameaça destruir o ambiente em que vive e temos, por exemplo, os perigos da mudança climática, a destruição dos bioecossistemas da natureza, ou aqueles imensos depósitos de resíduos que a ciência fabrica e que são cada vez mais difíceis de eliminar. Por outro lado, a criação de armas biológicas e armas atômicas. A devastação das guerras é uma ameaça constante. A pandemia do Covid-19, que paralisou o planeta, é uma demonstração dos efeitos da ciência na pesquisa bacteriológica. As consequências ecológicas agora vão além de todas as considerações sobre o meio ambiente e orientam-se para novas formas de constituir sociedades.

Quais são as consequências de tudo isso sobre os modos de vida e de gozo? A ciência pretende reabsorver o real sem sintoma, mas sempre fica um resto. Podemos dizer que haver passado da linha é em si mesmo uma nova relação com o sintoma. Como se escuta isso? O que é que delira e ressoa na prática sobre este sem limite? Lacan diz que tudo isso produz um ruído bastante vulgar: isso é o que há que se escutar e ler no observatório. Sobre este ponto, Lacan precisa: “o discurso da ciência tem consequências irrespiráveis para o que se chama humanidade. A psicanálise é o pulmão artificial graças ao qual se tenta assegurar o que há que se encontrar de gozo na fala para que a história continue”.

*María Hortensia Cárdenas*  
*Janeiro 2025*